



INTELLECTUAL
ESCRITOR
RESISTENTE ANTIFASCISTA
DIRIGENTE DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A SUA VIDA E A SUA OBRA
TESTEMUNHAM UM PROFUNDO COMPROMISSO
COM A LUTA PELA LIBERTAÇÃO
DOS EXPLORADOS E DOS OPRIMIDOS,
PELA DEMOCRACIA E PELO SOCIALISMO

SOEIRO PEREIRA GOMES

OS PRIMEIROS PASSOS



Soeiro Pereira Gomes em foto de família



Casa onde nasceu, Gestação

Filho de uma família de pequenos agricultores, Joaquim Soeiro Pereira Gomes nasceu em 14 de Abril de 1909, na aldeia de Gestação, concelho de Baião, distrito do Porto.

Ali fez a instrução primária, tal como os seus irmãos – Jaime, Alfredo e Alice – seguindo depois para a Escola Agrícola de Coimbra.

Concluído o curso de regente agrícola – tinha, então, 21 anos – aceita uma proposta da Companhia da Catumbela e embarca para Angola.



Soeiro Pereira Gomes em Angola



Soeiro Pereira Gomes na fábrica Cimento Tejo, em Alhandra. Em baixo: a fábrica em foto de época

Os rigores do clima e as condições de trabalho obrigam-no a regressar a Portugal cerca de um ano depois.

Em 1931, Soeiro Pereira Gomes casa e, nesse mesmo ano, vai trabalhar, como empregado de escritório, para a fábrica Cimento Tejo, em Alhandra, onde fixa residência.

Assim, aos 22 anos de idade, Soeiro fora menino no Douro, adolescente em Coimbra, tivera uma primeira e efêmera experiência profissional em Angola – e iniciava a vida adulta num meio operário com fortes tradições de luta social e política.

Entretanto, a constatação das profundas injustiças e desigualdades sociais existentes, e a ausência de liberdade imposta pelo chamado Estado Novo, despertavam no jovem Soeiro Pereira Gomes uma consciência social e política que cedo o levaria a rejeitar o regime fascista e a enfileirar na luta pela liberdade, pela justiça social, pela democracia.



OS DIFÍCEIS ANOS 30



Revolução de Madeira Grande, 1934
precursora para o GNR
1934



Prévia de marinheiros na revolta de 1918



Grupo de presos no Campo de Tarrafal



Campesinagem no Campo de Tarrafal



Nesses difíceis anos 30, em que Soeiro Pereira Gomes inicia a sua actividade política – com a Europa ameaçada pelo ascenso do fascismo – Salazar levava por diante o processo que conduziria à criação do Estado Corporativo e à institucionalização da ideologia fascista.

À criação do partido único – a União Nacional – e à aprovação, em plebiscito fraudulento, da Constituição Política da República, seguiu-se um conjunto de medidas que completou a fascização do Estado: a promulgação, em 1934, do Estatuto do Trabalho Nacional, que ilegalizava os sindicatos livres e impunha os sindicatos fascistas; a criação da polícia política – a PVDE – em 1935; e, logo a seguir, a criação do Conselho Corporativo, do Secretariado da Propaganda Nacional, do Tribunal Especial Militar, da Mocidade Portuguesa, da Legião Portuguesa, do Campo de Concentração do Tarrafal.



A classe operária e os restantes trabalhadores procuravam responder à ofensiva fascista através de um vasto conjunto de lutas e movimentações, designadamente: a grande manifestação do 1º de Maio (1931), em Lisboa, tendo como palavra de ordem a luta contra a ditadura; greves dos operários da construção naval e portuários; jornadas de luta contra o desemprego, organizadas pelo PCP; greve nacional com características insurreccionais contra o Estatuto do Trabalho Nacional – que atinge a sua maior expressão na Marinha Grande (1934); revolta dos marinheiros dos navios de guerra Dão, Bartolomeu Dias e Afonso de Albuquerque (1936). A repressão é brutal.

E em Outubro de 1936 é inaugurado o Campo de Concentração do Tarrafal – o Campo da Morte Lenta – por onde iriam passar 340 resistentes antifascistas, 32 dos quais ali perderiam as suas vidas e, todos, somando 2 mil anos, 11 meses e cinco dias de prisão.

ASSOCIATIVISMO E ACÇÃO POLÍTICA

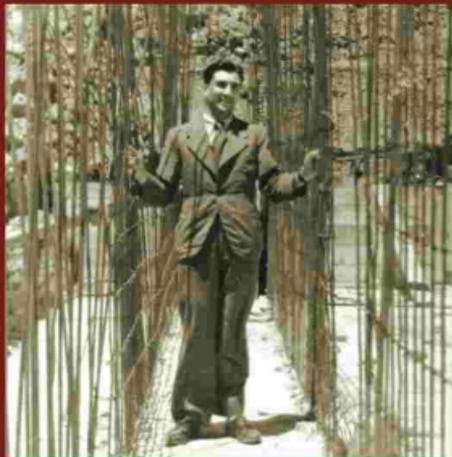


Soeiro Pereira Gomes com um grupo de intelectuais nos operários de Tejo.



Agrupamento do Grupo Revolucionário de Alhandra

Soeiro Pereira Gomes durante a construção de Póvoa



Contudo, Soeiro não esgotava a sua intervenção nesse círculo intelectual de amigos e camaradas.

Ele desenvolvia uma ampla actividade de promoção cultural e de luta contra o obscurantismo fascista, junto dos trabalhadores e das populações da região; ajudava a criar bibliotecas populares nas sociedades recreativas do Baixo Ribatejo; organizava cursos de ginástica para os operários da Cimento Tejo; promovia a construção de uma piscina (a Charca) para o povo de Alhandra. Aí viria a forjar-se essa figura maior da natação portuguesa de todos os tempos que foi Joaquim Baptista Pereira – o «Gineto» dos Esteiros.



Baptista Pereira, o «Gineto»

Paralelamente a esta actividade, Soeiro Pereira Gomes organizava – com Alves Redol e Dias Lourenço – os célebres passeios de fragata no Tejo, que outra coisa não eram se não formas de encontro de intelectuais progressistas e de contactos políticos fora das vistas do inimigo fascista. Nesse tempo, a fragata e a bateira transformaram-se em verdadeiras casas de apoio ao trabalho conspirativo, nas duras condições da luta clandestina.

Entretanto, o nazi-fascismo dera início ao seu projecto de domínio do mundo, desencadeando a, até então, mais brutal e sangrenta de todas as guerras – e os avanços das tropas nazis pela União Soviética faziam temer a concretização desse objectivo.

Mas o Exército Vermelho e o povo soviético tinham uma palavra decisiva a dizer.

O salazarismo tudo fazia quer para impedir o conhecimento dos crimes hitlerianos quer para esconder as derrotas do nazismo na URSS: as tabernas, cafés e outros lugares públicos, estavam proibidos de ligar os aparelhos de rádio à BBC à hora das emissões em língua portuguesa.

Por isso, Soeiro Pereira Gomes, que habitava uma pequena moradia de um só piso, em Alhandra, abria a janela da sala em que tinha a telefonia para que muitos populares pudessem escutar, disfarçadamente, o que Londres informava sobre a evolução da Segunda Guerra Mundial.

O DIRIGENTE COMUNISTA



Soeiro Pereira Gomes, a parir deste momento, foi entre Vaqueiros e Pinacos, como responsável do Comité Regional do Ribatejo, primeiro e constituinte e e acompanhado, entre 1943 e 1946, dos Comités Locais de Santarém, Vila Real, Alentejo, Rio Maior, S. João do Ribatejo, além de missões na Memória e na Ribeira de Santarém.

Casa em Leiria, onde se realizou o IV Congresso do PCP



VI SÉRIE Nº 68 12 QUINZENA DE MAIO

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

SAZÃO CENTRAL DE ATIVIDADES CULTURAIS E DESPORTIVAS

LUTEMOS PELOS GÊNEROS E PELO AUMENTO DOS SALÁRIOS

MAIAR QUINZANTO A PARTIR DE HOJE

VI SÉRIE Nº 68 12 QUINZENA DE MAIO

Proletários de todos os países!

VI SÉRIE Nº 68 12 QUINZENA DE MAIO

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AS JORNADAS DE 8, 9 E 9 DE MAIO

Dezenas de milhares de Operários e Camponeses LUTAM PELO PÃO

O PRIMEIRO! INFORMAÇÃO Ainda incensurados pelos seus líderes, os de 8 e 9 de maio, tinham um carácter de luta. O Partido Comunista não se dá por vencido e mantém a sua grande vitória. A grande vitória do Partido Comunista, a sua vitória de milhares de operários e camponeses lutaram e venceram a luta pelo pão e pelo salário.

O Partido Comunista não se dá por vencido e mantém a sua grande vitória. A grande vitória do Partido Comunista, a sua vitória de milhares de operários e camponeses lutaram e venceram a luta pelo pão e pelo salário.

O Partido Comunista não se dá por vencido e mantém a sua grande vitória. A grande vitória do Partido Comunista, a sua vitória de milhares de operários e camponeses lutaram e venceram a luta pelo pão e pelo salário.

Em 1940/1941, Soeiro Pereira Gomes participa na reorganização do PCP e passa a fazer parte – com Dias Lourenço e Carlos Pato – do Comité Regional do Ribatejo.

A sua actividade partidária intensifica-se e alargase e ele assume crescentes responsabilidades políticas.

Pouco tempo depois, viria a desempenhar um importante papel na organização das históricas greves de 8 e 9 de Maio de 1944, integrando o Comité Regional da Greve do Baixo Ribatejo.

Por tudo isto, a PVDE – que tivera conhecimento prévio do movimento grevista – vigia-o e monta-lhe o cerco no intuito de o capturar.

E na tarde de 11 de Maio de 1944, Soeiro Pereira Gomes mergulha na clandestinidade, assumindo-se como revolucionário profissional.

Na situação de funcionário clandestino, é-lhe confiada a responsabilidade da Direcção Regional do Alto Ribatejo – onde viria a desenvolver um trabalho notável no alargamento da organização, da actividade e da influência do Partido.

Em Julho de 1946, no IV Congresso do PCP, realizado na Lousã – e no qual se definiram as vias para o derrubamento do fascismo e se reafirmou a política de unidade nacional antifascista – Soeiro Pereira Gomes foi eleito para o Comité Central do Partido.

VI SÉRIE Nº 68 12 QUINZENA DE MAIO DE 1944

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

50.000 Operários Lançam-se em Greve!

AVANTE, ATÉ À VITÓRIA!

O MAIOR MOVIMENTO DE MASSAS DESDE O ADVENTO DO FASCISMO, MILHARES DE TRABALHADORES LUTAM PELO PÃO. O GOVERNO FASCISTA DE SALAZAR RESPONDE COM O TERROR ÀS JUSTAS RECLAMAÇÕES OPERÁRIAS. GRANDE VITÓRIA POLITICA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS.

Os alunos que não se dão por vencidos, lutam e venceram a luta pelo pão e pelo salário. O Partido Comunista não se dá por vencido e mantém a sua grande vitória. A grande vitória do Partido Comunista, a sua vitória de milhares de operários e camponeses lutaram e venceram a luta pelo pão e pelo salário.

VI SÉRIE Nº 68 12 QUINZENA DE MAIO DE 1944

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AS JORNADAS DE 8, 9 E 9 DE MAIO

Dezenas de milhares de Operários e Camponeses LUTAM PELO PÃO

O PRIMEIRO! INFORMAÇÃO Ainda incensurados pelos seus líderes, os de 8 e 9 de maio, tinham um carácter de luta. O Partido Comunista não se dá por vencido e mantém a sua grande vitória. A grande vitória do Partido Comunista, a sua vitória de milhares de operários e camponeses lutaram e venceram a luta pelo pão e pelo salário.

O Partido Comunista não se dá por vencido e mantém a sua grande vitória. A grande vitória do Partido Comunista, a sua vitória de milhares de operários e camponeses lutaram e venceram a luta pelo pão e pelo salário.

O Partido Comunista não se dá por vencido e mantém a sua grande vitória. A grande vitória do Partido Comunista, a sua vitória de milhares de operários e camponeses lutaram e venceram a luta pelo pão e pelo salário.

As armas não devem ser utilizadas contra o Povo

Em perspectiva de uma e grande luta de massas de milhares de portugueses contra o fascismo, o aparelho do Partido Comunista não se dá por vencido e mantém a sua grande vitória. A grande vitória do Partido Comunista, a sua vitória de milhares de operários e camponeses lutaram e venceram a luta pelo pão e pelo salário.

UNIDADE ANTIFASCISTA



Ação de membros do MUD na cidade de Porto em 1945. Entre outros, reconhecer o Egoísta de Mero.



Ata do verão de 1947 e de Soeiro a direção e redação de «O Ribatejo».

“Nesta hora decisiva”
 «RIBATEJO» enfrenta com a imprensa clandestina, como porta-voz da Unidade Nacional na grande província que lhe dá o nome.
 No entrar em linha, todos os anti-fascistas de todas as tendências políticas, que têm responsabilidade presente e futura na Democracia. Não os operários e os camponeses, que vivem com a sua terra e o seu trabalho, e que, todos os dias, esperam ver nascer o sol da Liberdade. Não os intelectuais, os lavandeiros, os comerciantes, os industriais e os funcionários, espoliados pelo regime corporativista. Não os estudantes, filhos de Pais, os estudantes e os oficiais de todas as pátrias que entram servir a Pátria, servindo a Liberdade. Isto é, a paz e o bem-estar de todos os portugueses.”

Fonte: Ribatejo - Boletim Regional da Unidade Nacional Antifascista - Novembro 1945, Nº 11.

Em Agosto de 1946, Soeiro Pereira Gomes escreve «Praça de Jorna» – «esboço sobre a maneira como utilizar as praças de jorna ou praças de trabalho no Movimento de Unidade Camponesa para o derrubamento do fascismo». Nesse mesmo ano, é destacado para o sector de Lisboa, onde se torna membro da Comissão Executiva do MUNAF (Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista), ao mesmo tempo que acompanha a actividade dos militantes do Partido que actuavam no MUD (Movimento de Unidade Democrática).

Por essa altura, a acção desenvolvida pelas forças antifascistas nas novas condições criadas pela esmagadora derrota do nazi-fascismo, obriga o governo salazarista a alguns recuos importantes: vários resistentes são libertados do Tarrafal – entre eles os dirigentes do PCP: Militão Ribeiro, Manuel Rodrigues da Silva, Francisco Miguel e Pedro Soares.

Soeiro Pereira Gomes era o elemento de ligação da Direcção do PCP com o MUNAF, quando adoeceu com uma doença grave.

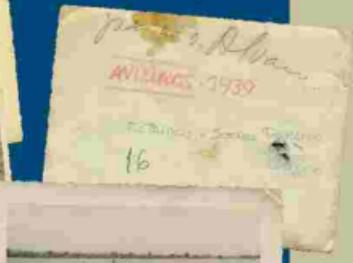
Ainda participou no início da campanha presidencial de Norton de Matos, em 1949. Mas o seu estado de saúde agravava-se – tanto mais quanto as condições de clandestinidade em que vivia não lhe permitiam o acompanhamento médico necessário.



A toda. Convocação do MUD Juvenil em Alameda, 1947. Em Bateria: Casa de Soeiro Pereira Gomes à Comissão de Escritores, Artistas e Artistas Democráticos. 18 de Junho de 1946.



O GRANDE ESCRITOR



Conjunto de fotos que Soeiro Pereira Gomes fez em Alvaro Caxial, para o seu livro, as fotografias de «Esteiros»



5 minutos de CONVERSA... TELEFONICA COM O AUTOR DE "ESTEIROS"

SOIRO PEREIRA GOMES—livro e álbum—
 «Esteiros»—1939—1981—Após o 25 de Abril de Lisboa, publicamos este livro e álbum de remota memória—
 prefácio de António Sérgio—1981—
 prefácio de António Sérgio—1981—
 prefácio de António Sérgio—1981—

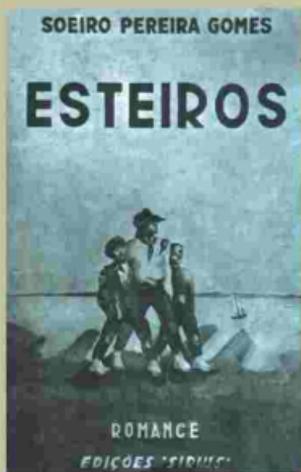
Entrevista por telefone a Soeiro Pereira Gomes pelo jornal «O Primeiro de Janeiro», em 18 de Fevereiro de 1945 sobre a edição dos «Esteiros»



Esteiros

«Esteiros. Minúsculos canais, como dedos de mão espalmada, abertos na margem do Tejo. Dedos das mãos avaras dos telhais, que roubam nateiro às águas e vigores à malta. Mãos de lama, que só o rio afaga»

«Para os filhos dos homens que nunca foram meninos escrevi este livro»



Primeira edição dos Esteiros com capa e ilustrações de Álvaro Caxial

«Tal-qual Marx descobriu, não é a consciência que determina o ser, mas o ser social, as condições da produção material da existência que determinam a consciência que se tem da sociedade, dos homens, das relações entre eles, relações de produção e de propriedade. Espontaneamente rebeladas contra a monstruosa exploração que lhes viola a infância, à margem do estudo, da alegria de brincar, do mínimo dos mínimos das condições humanas de vida — as crianças dos Esteiros, à margem da propriedade que não seja a dos seus sonhos partidos, aprenderam esta lição instintiva: dono das coisas é quem as faz.

O não-respeito pela propriedade capitalista, manifesta-se, como já vimos, pelo roubo — o roubo até se ergue em ideal de solidariedade. Ao confessar Gaitinhas, entre «lágrimas cristalizadas», que o pai, preso político (no Tarrafal, porventura), o destinava para doutor (médico de pobres), Gineto «teve pena que doutor não fosse coisa que se pudesse roubar».

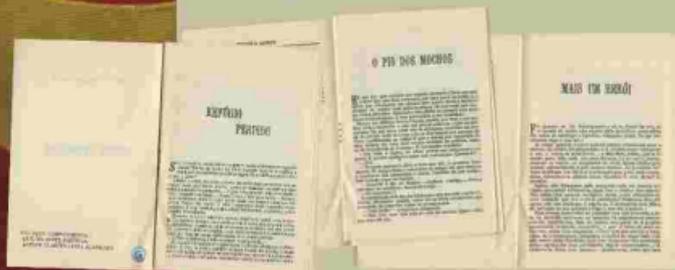
Augusto da Costa Dias, prefácio a *Refúgio Perdido*, Edições Avante!, 1975

O CONTISTA DA VIDA CLANDESTINA



Contos Vermelhos

«Aos meus companheiros – que,
na noite fascista, ateiam clarões duma alvorada»



«Escrever foi para Soeiro Pereira Gomes outra forma de lutar. E aí a sua arte não se limitou a interpretar o mundo; pela beleza e profundidade dessa interpretação inscrita no tempo histórico da máxima exploração que é o fascismo, ditadura terrorista da grande capital aliado ao imperialismo, e dos latifúndios, ela contribuiu para preparar subjectivamente sempre novas gerações para a luta pelo socialismo e pelo comunismo, nos quais (e só neles) deixarão de existir os meninos dos Esteiros, expulsos da infância, os clandestinos de Contos Vermelhos, expulsos da vida comum de todos os homens, os míseros recém-proletários de Engrenagem, expulsos brutalmente de um passado camponês».

Augusto da Costa Dias, prefácio a Refúgio Perdido, Edições Avante!, 1975

OBRA DE LIBERDADE E LIBERTADORA



Edição de 1951

Engrenagem

«Para os trabalhadores sem trabalho
– rodas paradas de uma engrenagem caduca»



«É em *Engrenagem* que o estudo da evolução da consciência social dentro de condições determinadas de trabalho, de relações de produção e de luta de classes, adquire proporções e uma profundidade nunca atingidas na literatura portuguesa. Aí a obra de Pereira Gomes é radicalmente revolucionária, veio abrir novos caminhos. É como se um laboratório (mas laboratório de vida) submetesse à experiência a consciência social de pessoas que, de súbito, entram um ambiente de trabalho que inteiramente desconheciam – o das relações de produção industriais»

«A obra de Soeiro Pereira Gomes nasceu do seu empenhamento na luta ao lado dos trabalhadores, de todos os explorados. Nasceu da sua militância no Partido, ao qual consagrou por completo a vida. A beleza dessa obra, o seu rigor, a sua força mobilizadora, que convidam à solidariedade e à luta os que a lêem, são fruto, em grande parte, de tal empenhamento e tal militância. Por isso é uma obra de liberdade e libertadora»

Augusto da Costa Dias, prefácio a *Refúgio Perdido*, Edições Avante!, 1975

